

EXPERIENCIANDO A NARRAÇÃO: RELATO DE UMA PRÁTICA

Ana Lúcia Guedes-Pinto/FE-UNICAMP

Roseli Aparecida Cação Fontana/FE-UNICAMP

Tendo como referência basilar para nossa prática pedagógica na disciplina de Metodologia de Ensino do curso de Pedagogia a concepção de “currículo em ação” (Geraldi, 1994), procuraremos aqui relatar o resultado de um processo de ensino-aprendizagem vivido com nossos alunos que, para nós, pareceu bastante significativo e que gostaríamos de compartilhar.¹

Mobilizando-nos pela pergunta chave “Professora(o), como é que você ensina?”, fomos delineando em nossas aulas uma trajetória de reflexão em torno dos caminhos e escolhas com que fomos nos deparando ao longo do percurso de procura das múltiplas possibilidades de respostas a esta indagação. Acreditávamos que, por essa direção, no decorrer desse processo, poderíamos compreender melhor as especificidades que constituem o “ser professora hoje”. Na tessitura desse “currículo em ação”, tendo como horizonte de nossas discussões a especificidade do trabalho docente, procuramos interlocutores, tanto nas nossas leituras e como nas idas às escolas, que nos trouxessem elementos que pudessem enriquecer o enfoque dado ao debate.

A partir desta perspectiva, escolhemos como uma das leituras para serem discutidas em sala de aula o livro *Meu Professor Inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns de nossos melhores escritores*, organizado por Fanny Abramovich. Este livro, como pode se perceber pelo seu título, contém uma coletânea de histórias nas quais os autores narram sua experiência de aprendizagem quando ocuparam o lugar de alunos e também sua relação (especial) com os professores mais marcantes de suas vidas. As narrações registradas neste impresso fecundou um rico processo de interlocução que será relatado a seguir.

Da vivência dessa leitura e da experiência desencadeada pelas discussões (que procuravam sempre fugir de uma concepção “didatizadora” dos textos) que se alimentavam

das diversas histórias contadas no livro, bastante particulares e peculiares, fomos nos surpreendendo com o efeitos de sentido que foram se produzindo pouco a pouco. A prática da leitura destes textos narrativos foi suscitando em nós uma nova pulsação: produção de saberes diversos começaram a ser postos em forte circulação. Sobre este âmbito de influência da leitura, Certeau (1994) aponta para a amplitude e mobilização que podem ser imprimidas por essa prática:

De fato, a atividade leitora apresenta, ao contrário, todos os traços de uma produção silenciosa: flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera. (...) A leitura introduz portanto uma “arte” que não é passividade (p. 49-50)

No decurso da leitura individual para a partilha coletiva é que se tornava visível a “produção silenciosa” ocorrida com cada um. Ao socializarmos as impressões e as reflexões provocadas pelas leituras dos “contadores de história”, nós, alunos e professores, também passávamos a nos narrar, abrindo-nos ao outro. Começava, então, a circulação e consumo das nossas próprias trajetórias - a sala de aula passou a ser habitada também pelos nossos saberes pessoais e subjetivos, provindos de nossa vivência. Benjamin (1994) explicita como a escuta e a leitura da narrativa trazem consigo uma força própria que leva, muitas vezes, a desdobramentos e movimentos outros:

[a narrativa] não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (...) Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas (p. 204)

Assim, por essas trilhas, em função do grau de envolvimento, proximidade e cumplicidade gerado pela leitura experienciada desta coletânea de textos, começamos a pensar na possibilidade de dar maior concretude e vazão de nosso processo de compartilhar nossas memórias de vivências escolares. Decidimos, então, pegar da pena e nos propusemos a narrar o que já estávamos dividindo em classe, através da oralidade. Neste

¹ Esse relato se refere á experiência vivida no segundo semestre do ano de 1999.

sentido, a experiência da leitura levou-nos a um terreno anteriormente não avistado ou até mesmo não almejado no princípio de toda essa história. Porém, ela se fez acontecer e produziu, coletivamente, uma necessidade de deixarmos marcas, rastros do nosso caminho. Larrosa (1998) comenta sobre a peculiaridade da genuína “experiência da leitura”, dela não estar comprometida inicialmente com um planejamento ou com uma antecipação de sua realização:

...está claro que la experiencia de la lectura tiene siempre una dimensión de incertidumbre que no se puede reducir. Y, además, puesto que no puede anticiparse el resultado, la experiencia de la lectura es intransitiva: no es el camino hacia un objetivo pre-visto, hacia una meta que se conoce de antemano, sino que es una apertura hacia lo desconocido, hacia lo que no es posible anticipar y pre-ver (p.29)

Com a proposta da escrita de nossa vivência prática das aulas, defrontamo-nos com a assunção do papel de autores e sujeitos de nossas trajetórias. Da interlocução oral construída e vivenciada em sala de aula, dirigimo-nos ao terreno e à ação da escrita. Estávamos, talvez, buscando outros interlocutores para falarmos de nossas histórias. Tentávamos ampliar o espectro de trocas e possibilidades de novos alcances para um diálogo que se constituiu tão profícuo e gratuito de interesse. O narração por escrito das histórias significou a porta de entrada para nova forma de diálogo, mas que procuraria preservar a motivação inicial: o compartilhar de experiências:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (Benjamim, 1994: p. 198)

Desse movimento, então, do oral para o registro de nossa trajetória, acabamos também nos apropriando da escrita no sentido dela estabelecer a mediação para uma conversa com outros além daqueles com os quais nos encontrávamos semanalmente.

Tal percurso resultou na nossa coletânea *De professores e alunos inesquecíveis - textos e lembranças que dão a pensar e escrever...*, a ser publicada pela Faculdade de Educação/Unicamp, materializando, dessa forma, as práticas que foram se produzindo e se constituindo no cotidiano das nossas aulas.

Refletindo sobre esse processo ocorrido conosco no interior do curso de Pedagogia, pudemos verificar como, das histórias lidas, discutidas e vivenciadas, surgiram novos vetores anteriormente não previstos e planejados, tal como a própria concepção de “currículo em ação” o compreende:

o currículo é entendido e trabalhado como o conjunto das aprendizagens vivenciadas pelos alunos, planejadas ou não pela escola, dentro ou fora da aula e da escola, mas sob a responsabilidade desta, ao longo de sua trajetória escolar (Geraldi, 1994: 117).

Um outro aspecto a ser enfatizado se refere à ressignificação do conceito de cotidiano pedagógico no transcurso dessa experiência de ensino-aprendizagem. O dia a dia das aulas nos nossos encontros foi se constituindo de uma maneira particular e muito específica, que foi se formando em pequenas camadas que iam se ajustando e se moldando ao sabor dos nossos movimentos, culminando na elaboração da nossa coletânea de histórias, marcando assim, uma parte das muitas facetas de nossa história do fazer-pedagógico do curso de Pedagogia.

Assim, tal coletânea, nascida de uma experiência coletiva, pôde trazer a público a possibilidade de um outro diálogo no curso de formação de professores, além de materializar a expressão do resultado de um trabalho pedagógico que se fez a muitas mãos.

Referências bibliográficas:

- ABRAMOVICH, Fanny (1997) **Meu Professor Inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns dos nossos melhores escritores**. São Paulo: Gente.
- BENJAMIN, Walter (1994) “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Lescov” In **Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas (7ª ed.)**. São Paulo: Brasiliense.
- CERTEAU, Michel de (1994) **Invenção do Cotidiano I: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes.
- GERALDI, Corinta Maria Grisólia (1994) “Currículo em Ação: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica” In **Pro-Posições vol. 05 N. 03**. Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp.
- LARROSA, Jorge (1998) **La experiencia de la lectura - estudios sobre literatura y formación (2ª ed.)**. Barcelona, Espanha: Laertes.

